



O último recuo

Bernardo Ajzenberg*

São Paulo, Brasil

bernardo.ajzenberg@gmail.com

Numa guerra, buracos se cavam para o inimigo tropeçar, mas também para esconder quem os cavou. O mesmo poço salva e aniquila. Era nisso que eu pensava quando cheguei à nossa pequena casa de campo, um sobrado com dois quartos e um banheiro no andar de cima, sala, lavabo e cozinha embaixo, um quintalzinho, não mais do que cento e cinquenta metros quadrados no total, mas muito usufruído, muito bem avaliado pelos nossos sentidos desde sempre, desde a sua construção, nos anos 1990, quando a juventude ainda era vista como “coisa de jovens”, isto é, bem antes de a juventude ser vista, também, como uma “etapa sem perspectivas”. Porque essa casa representava, com efeito, todas as expectativas, todas as perspectivas nutridas naquele momento de floração, pedidos e sonho.

A guerra, porém, exposta na semana anterior a essa em que eu cheguei na nossa pequena casa, posso dizer que essa guerra já se gestava naqueles anos mesmos em que se fincaram os alicerces para a construção. A tinta clamando por novas demãos, penso agora, já naquele período começara a se desgastar – como é inevitável em todos os materiais, mas em um movimento químico que os olhos obviamente não alcançam a não ser quando a mente se torna crítica e o “lado ruim das coisas” aflora. Os buracos cavados deixam de ser trincheiras nutridas pela esperança de justiça e passam a ser valas comuns, onde se enterram fantasias esgarçadas e cenários destruídos.

Quando cheguei, já era noite. A primeira tarefa, portanto, foi acender as luzes. Por conta da incompetência do empreiteiro, mas também por uma questão de economia, havia poucos interruptores, e a maioria das lâmpadas eram acesas diretamente na caixa de luz, localizada na parede à esquerda da porta de entrada. Não que houvesse tantas lâmpadas assim, mas, de todo modo, era um trabalho extra. E atravessar o escuro fazia parte da chegada.

Ao lado da caixa de luz apareceu subitamente uma lagartixa, ligeira, esbaforida, subindo cheia de medo ao teto. Em vez de entrar por uma fresta, que existe ali, optou inexplicavelmente, ao menos para mim, por permanecer parada, silenciosa, olhando para baixo, ou seja, na minha direção. Senti um calafrio e pouco depois me veio à memória um livro bastante conhecido em que a

* Jornalista, escritor e tradutor.



protagonista se defronta com uma barata no quarto da sua empregada, e toda a ficção desse livro se desenvolve em torno dessa tensão. Baratas e lagartixas são diferentes em tudo, inclusive no grau de desconforto que geram. Não sei porque, porém, naquele instante, os dois animais se confundiram na minha paralisia – talvez fosse o cansaço da viagem, a luminosidade tênue do local...

A tal ponto que comecei a procurar uma vassoura que sempre ficava no canto mais próximo da porta. Tenho certeza de que a lagartixa acompanhou meus movimentos com seus olhinhos invisíveis para mim. Viu os gestos de ameaça que eu esbocei arrepiado. Mesmo assim, continuou ali, rija, brava, firme, teimosa – ou, quem sabe, fingindo-se de morta para me fazer abandonar a ideia de gastar energia à toa na tentativa de liquidá-la. Foi nesse momento que pensei nos buracos cavados, nos soldados ou nos prisioneiros que conseguem passar por mortos para salvar as próprias vidas em meio a um massacre. E entendi que era sobre isso que eu queria escrever: fingir-se de morto.

É um posicionamento, e uma posição, literalmente falando, arriscada. Na guerra de verdade, pode até funcionar, mas na guerra, digamos, pessoal – que era a que descobria vir enfrentando havia tempos –, não parece ser uma tábua de salvação, como se diz. A lagartixa, ali, surgira diabólica: cabeça erguida, cauda ereta, nenhum movimento visível a olho nu, nenhuma sinalização. Ao mesmo tempo, devido à força da gravidade, a ameaça permanente de cair sobre a minha cabeça. E não haveria buraco nenhum para onde eu pudesse escapar.

Pensava em desistir do confronto surdo que se armava ali quando uma luz forte veio de fora da casa, entrando através da janela como um flash prolongado. Intui de quem se tratava – e creio que a lagartixa também, pois saiu correndo, à toda, para dentro do forro, encontrando e se esgueirando por uma outra fresta que eu nem sequer havia visto antes.

Valéria entrou furiosa, e logo me dei conta de que ainda tinha medo dela. Muito medo, mais medo do que tinha de meus pais na infância: quem sabe o mesmo medo multiplicado. Na verdade, passados já dez anos de casamento, eu tinha dela o mesmo medo que nos primeiros meses, uma sensação de submissão, de me deixar guiar pelos desejos dela, pela pauta dela, nas coisas grandes e nas coisas menores, no controle das nossas contas, no controle remoto da televisão, no controle dos nossos gostos. E, no entanto, poucas horas antes, dirigindo na estrada a caminho da casa onde a lagartixa me esperava, eu efetivamente havia alimentado a certeza de que toda aquela opressão tinha terminado, a rigor, num passe de mágica que teria significado a minha absolvição: quando, algumas horas antes, cheio de coragem informei pelo telefone que partia, que ficaria na casa da lagartixa por um período indeterminado, que ela não me procurasse, que dali nasceria uma transição rápida para uma nova vida, um novo desejo,



que não haveria volta para a nossa vidinha de antes, aquela em que eu me enquadrava, ou melhor, era enquadrado permanentemente e que, não tendo gerado filhos, acabara por se transformar em natureza morta, dada a nossa incapacidade de preencher essa carência com as nossas próprias realizações ou projetos. Pensei coisas desse tipo enquanto dirigia, na estrada, rumo à casa da lagartixa.

Como era possível agora, no entanto, um desmoronamento tão súbito dessa determinação subjetiva carregada de planos difusos, porém libertadores?

Valéria bateu duas ou três portas, ouvi seus passos, sua respiração, o ar da casa se alterou bruscamente, criando ondas que me atingiram como a água ao rochedo no mar, se posso dizer assim.

— Paulo, deixa de frescura, vamos parar com isso. Vou contar até três e quero você de volta naquele carro, comigo, de volta para a nossa casa. O seu carro fica aqui e depois damos um jeito...

— Não vou sair daqui. Eu já disse que dessa vez é para valer, Valéria!

Ela avançou em minha direção, olhou bem dentro dos meus olhos, vi que os dela estavam avermelhados, talvez marejados, porém duros como sempre, poderosos, firmes.

— Paulo, pegue a sua sacola. Vamos embora daqui.

Eu queria me fazer de morto. Isso caberia, naquele momento, perfeitamente dentro das minhas parcas expectativas. Percebi no teto que a lagartixa tinha voltado a aparecer, apenas a sua cabecinha, do lado de fora da fresta, como se espiasse o nosso confronto, não sei se torcendo para um lado ou outro. Meus dentes se apertaram. Respirei fundo, fechei os olhos, engoli em seco. Valéria foi ao banheiro. Ouvi a descarga logo depois. Ela saiu em direção à porta principal, carregando com seu corpo o ar da casa, como que me deixando sem respiração, obrigando-me a buscar oxigênio no seu rastro. Peguei minha sacola e fui atrás, esbaforido, balançando a cabeça inconformado, depois de ver uma espécie de sorriso maroto no rosto minúsculo da lagartixa. E saí, não sem antes prometer e de observar para mim mesmo, à guisa de consolação – talvez –, enquanto trancava a porta, que, no fim das contas, com o câncer no pâncreas que o médico anunciara havia menos de uma semana, eu dali a alguns meses me libertaria de tudo – da casa inclusive – e que aquele seria, sim, o meu último recuo.

Recebido em: 10/06/2018.

Aprovado em: 10/08/2018.